

O DISCURSO SOBRE O CANGACEIRO NO ROMANCE *FOGO MORTO*

*Eliane Aparecida Cerqueira Fonseca**

1. INTRODUÇÃO

Ambientado no município do Pilar, na Paraíba, *Fogo Morto* é narrado em terceira pessoa e dividido em três partes. Os personagens do cangaço, especialmente, Antônio Silvino, são citados em todas as partes, entretanto, as ações dos cangaceiros ganham destaque na última parte, determinando um desfecho surpreendente.

Geralmente, o cangaceiro é apresentado a partir de dois enfoques discursivos: como um bandido típico do sertão nordestino ou como um bandido-herói, que se vinga dos ricos, em favor dos pobres. O primeiro enfoque está relacionado à ideologia das classes dominantes, enquanto o segundo se relaciona com a ideologia das classes populares, cujo imaginário continua criando histórias fantásticas e maravilhosas sobre o cangaço. Essa dualidade, segundo Queiroz (1997, p.34), existia sempre no sertão e dividia as famílias entre “situação” e “oposição”, ou entre simpatizantes e perseguidores do cangaço.

O objetivo desse trabalho é identificar a formação discursiva, assumida pelo narrador de *Fogo Morto*, em relação ao cangaço: a formação discursiva do bandido ou do bandido-herói.

Segundo Brandão (2002, p.35), discurso “é o efeito de sentido construído no processo de interlocução”. Para AD, “não existe um sentido a priori, mas um sentido que é constituído, produzido no processo da interlocução. Por isso deve ser referido às condições de produção (contexto histórico-social, interlocutores...) do discurso” (Ibidem. p.62). Segundo Pêcheux (apud Brandão), “o sentido de uma palavra muda de acordo com a formação discursiva a que pertence”.

O narrador, em *Fogo Morto*, assume uma dessas posições ideológica, ao se referir a fatos e personagens do cangaço, presentes no romance. O problema que nos ocupa aqui é identificar qual dessas posições é por ele assumida.

Através de um conjunto de enunciado¹s marcados pelas mesmas regularidades que determina “o que pode e deve ser dito” a partir de um lugar social historicamente determinado, isto é, a Formação Discursiva, busca-se filiar o narrador de *Fogo Morto* a uma ou outra formação. Considerou-se, entretanto que um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando, com isso, variações de sentido conforme Brandão (2002 p.38).

Para tanto se observaram os efeitos de neutralidade do narrador aos fatos narrados através dos recursos lingüísticos. A análise também inclui a comparação do discurso literário de *Fogo Morto* com textos históricos sobre o cangaceiro Antônio Silvino e com textos da lenda de Robin Hood. Foi possível analisar “o dito e o não dito”, os eventos esperados que não foram narrados, considerando-se trechos em que o locutor é o narrador e trechos em que o narrador agencia outros narradores que confirmam a Formação Discursiva do bandido-herói.

* Especialista em Leitura e Produção de Texto pela Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus BA.

2. ANÁLISE DOS DADOS

Ao contar o ataque dos cangaceiros ao povoado do Pilar (p.185), o narrador cria um efeito de sentido de neutralidade, por meios dos seguintes recursos lingüísticos: períodos curtos, ordem sintática direta, uso limitado de adjetivos e verbos no pretérito perfeito do modo indicativo.

“Uma noite de escuro, Antônio Silvino atacou o Pilar”.
 “Não houve resistência nenhuma.”

Dessa forma permanecem, ainda que num período mais longo, as frases curtas, a ordem sintática direta, poucos adjetivos e verbos no modo indicativo:

“Os cangaceiros soltaram os presos, cortaram os fios do telégrafo da estrada de ferro e foram à casa do prefeito Napoleão para arrasá-lo”.

“Ameaçava a mulher, mandava-lhe passar o couro, e ela muito calma, só dizia que nada podia fazer.”

Os recursos lingüísticos vistos anteriormente criam um efeito de sentido de neutralidade do narrador em relação aos fatos narrados. Entretanto, como veremos adiante, seu discurso se modificará, perdendo tal neutralidade. Ainda, no primeiro parágrafo, observa-se que os fatos narrados mostram um “ataque” organizado dos cangaceiros contra a população, mas apresentando um mínimo de violência.

A violência, no entanto, do bando de Antônio Silvino, conforme estudos históricos, era intensa e constante. Assim, a pretensa neutralidade do narrador se desfaz quando se analisa o modo com que ele trata a violência dos cangaceiros. Estudos históricos (QUEIROZ, 1997,p.41-3), mostram Antônio Silvino como autor de atrocidades e assassinatos:

1. “Armava tocaias para os correios sertanejos, queimando toda a correspondência...”.
2. “Atacava as turmas de operários (...) perseguindo e assassinando tanto engenheiros quanto trabalhadores...”
3. “...cobrava taxa de passagem dos passageiros aterrorizados...”
4. “...surrando saqueando, fazendo sofrer vexames os habitantes, assassinando, fosse qual fosse a posição social dos que considerava seus inimigos. Desta forma, semeava por todo o sertão o terror.”

O texto literário de Fogo Morto, no entanto, não faz referência a qualquer brutalidade cometida por Antônio Silvino no ataque ao Pilar:

1. “A guarda da cadeira correrá aos primeiros tiros.”
2. “...os poucos soldados do destacamento ganharam o mato...”
3. “Os cangaceiros (...) cortaram os fios do telégrafo...”
4. “...e foram à casa do prefeito Napoleão para arrasá-lo.”
5. “O cangaceiro ameaçou a botar fogo no estabelecimento...”

6. “... os homens mexiam nos quartos, furavam os colchões, atrás do dinheiro do velho Napoleão.”

7. “O capitão Antônio Silvino ameaçava a mulher, mandava-lhe passar o couro.”

A minimização da violência no texto literário é um efeito de sentido realizado por meio de um jogo, em que o dito mostra e oculta o não dito, isto é, uma formação discursiva dita, fala e silencia outra formação discursiva não dita:

Quadro I - O dito e o não dito.

| O dito | o não dito |
|--|---|
| 1. “A guarda da cadeia correrá aos primeiros tiros.” | 1’. Nada é dito sobre os tiros seguintes, quem atirou, em quem atirou, por que atirou, quantos morreram ou ficaram feridos. |
| 2. “...os poucos soldados do destacamento ganharam o mato...” | 2’. Por que correram e como correram. |
| 3. “Os cangaceiros (...) cortaram os fios do telégrafo...” | 3’. Nem um outro ato de vandalismo é mencionado contra o patrimônio público. |
| 4. “O delegado José Medeiros havia sido agredido por um dos cabras.” | 4’. Não é mencionado o tipo de agressão física sofrida. |

O mesmo efeito de sentido de minimizar a violência do personagem Antônio Silvino, é criado pelo narrador através da manipulação dos eventos da narrativa. Quando Antônio Silvino ataca o Pilar, os eventos esperados não coincidem com os eventos narrados:

Quadro II – Eventos esperados e eventos narrados.

| Eventos Esperados | Eventos narrados |
|--|---|
| Resistência da polícia e de moradores. | “Não houve resistência nenhuma.” |
| Antônio Silvino e seu bando matarem o prefeito, o delegado e o juiz. | O prefeito “não estava no Pilar.”; o juiz “se escondera na casa do padre.”; o delegado “havia sido agredido...” |
| Antônio Silvino espancar ou matar a mulher do prefeito. | “O capitão Antônio Silvino ameaçava a mulher, mandava-lhe passar o couro.” |

Os incidentes da narrativa são manipulados de tal forma pelo narrador que todos os atos de possível violência são evitados. A falta de resistência da população, a fuga dos soldados, a ausência do prefeito e o fato de o juiz se esconder na casa do padre, evitam cenas de combate e de violência. Assim a violência fica restrita às ameaças à mulher do prefeito e à agressão sofrida pelo delegado. Essa manipulação dos eventos narrados denuncia o assujeitamento do narrador ao discurso do bandido-herói, em sua visão dos cangaceiros. Como, nesse discurso, o bandido-herói não pode cometer atrocidades, o narrador manipula os eventos narrados, para que Antônio Silvino não apareça como bandido, matando soldados, prefeito, mulher, delegado e juiz.

Os efeitos de sentido que evitam e minimizam a violência, por meio do não dito e por meio da manipulação dos eventos narrados, indicam o domínio da FD do bandido-herói, transformando Antônio Silvino em um herói social justiceiro. Esse discurso está presente também, nas aventuras de Robin Hood. Enfocados através do mesmo discurso, Robin Hood e Antônio Silvino apresentam semelhanças como:

- a) líderes capazes de enxergar onde os outros nada vêem
- b) defensores do povo;
- c) heróis que tinham a simpatia do povo;
- d) tiravam dos ricos para dar aos pobres.

Isso mostra que o discurso do bandido-herói domina tanto a narrativa de Robin Hood quanto a de Antônio Silvino em Fogo Morto.

O narrador de Fogo Morto filia-se, portanto, à formação discursiva do bandido-herói quando se refere ao cangaceiro, seja quando o locutor é um personagem, seja quando o locutor é o próprio narrador.

Alguns personagens aparecem como locutores do ponto de vista do narrador, enquanto outros aparecem como locutores do ponto de vista contrário. Isso cria um efeito de sentido de neutralidade do narrador. Entretanto essa pretensa neutralidade mostra-se ilusória, uma vez que os personagens locutores do ponto de vista do narrador têm prestígio no cenário social do romance:

Quadro III – Locutores do ponto de vista do narrador.

| Personagem | Qualificados |
|---------------|---|
| Mestre Amaro | Artesão respeitado |
| Alípio | Vendedor de aguardente (contrabandista). |
| Salvador | Fazia apostas do jogo do bicho (bicheiro). |
| Cego Torquato | Vivia da solidariedade do povo (pedia esmolas). |

Esses personagens trabalham por conta própria, uma posição social entre os trabalhadores rurais e os senhores de engenho. Por outro lado, os personagens, locutores do ponto de vista contrário ao do narrador, são socialmente desqualificados.

Quadro IV – Locutores do ponto de vista contrário ao do narrador.

| Personagens | Desqualificação |
|------------------|---|
| Vitorino | Desequilibrado e achincalhado até pelos moleques. |
| Tenente Maurício | Comete atrocidades típicas de um marginal. |
| O Norte | Jornal de oposição que agredia o governo. |

O assujeitamento do narrador de Fogo Morto ao discurso do bandido-herói, quando trata do cangaceiro Antônio Silvino, parece ter sido demonstrado, confirmando a hipótese inicial deste trabalho. Espera-se ainda que este trabalho possa mostrar a produtividade da Análise de Discurso, na interpretação de textos, para os professores de Português, no Ensino Fundamental e Médio.

3. REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: UNICAMP, 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. 5. ed. São Paulo: Global, 1997.
- REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1983.

